

1.1.2 Mudança no sentido das práticas de luta: da utilização para as guerras (*jitsu* - 術) para utilização no processo educativo (*dô* [Dào] - 道)

Fábio Rodrigo Ferreira Gomes, André Luís de Oliveira e Fernando Ikeda Tagusari

Mudança no sentido das práticas de luta: da utilização para as guerras (*jitsu* - 術) para utilização no processo educativo (*dô* [Dào] - 道)

GOMES, F. R. F.¹, OLIVEIRA, A. L.²; TAGUSARI, F. I.³

¹Doutor em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, docente do curso de Educação Física do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro - UniÍtalo. E-mail: fabio.gomes@italo.br

²Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Membro GEPPEF, Unesp Rio Claro – SP - E-mail: andrelo@uol.com.br

³Mestre em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo - E-mail: fe.ikeda@gmail.com

RESUMO

O processo de transformação do sufixo *jitsu* para o sufixo *do* na nomenclatura das lutas representa toda uma reestruturação e ressignificação das lutas mais especificamente em seus objetivos de ensino e prática. Durante este processo destaca-se como precursor Jigoro Kano e seu pioneirismo em fomentar os objetivos das antigas escolas de *jujutsu* orientando para fins educacionais. O presente artigo descreve como a luta era compreendida ao decorrer dos períodos históricos do Japão (da Era dos Shogunatos para Era Meiji), demonstrando o papel de Jigoro Kano no entendimento moderno da luta que culminou com a criação do Judô.

Palavras chaves: *jutsu*, Judô, *do*, luta.

ABSTRACT

The process of transforming the suffix *jitsu* to the suffix *do* in the nomenclature of fights represents a complete restructuring and reframing of fights more specifically in their teaching and practice objectives. During this process, Jigoro Kano stands out as forerunner in promoting the objectives of the old schools of *jujutsu* orienting towards educational purposes. This article describes how the fights was understood during the historical periods of Japan (from the Shogunate Era to the Meiji Era), demonstrating the role of Jigoro Kano in the modern understanding of the fights that culminated in the creation of Judo.

Keywords: *jutsu*, Judo, *do*, fight.

1 Introdução

Quando se fala em artes marciais antigas e modernas, deve-se considerar a história do Japão. Mesmo não sendo o berço da cultura Oriental (religião, idioma, tradições), posto que a China, e antes dela, a Índia, foram marcadamente influenciadoras do Japão, este último apresenta papel fundamental na mudança de significado das artes marciais: deixam de ter somente um sentido bélico e de imposição de força para também ter um sentido educacional e de autoconhecimento.

As diferentes práticas japonesas de combates que têm grande significado histórico, foram desenvolvidas e apuradas durante o período feudal da história japonesa. Esse período engloba por volta de nove séculos, iniciando no final do século IX e começo do século X até o século XIX – especificamente até o ano da Restauração *Meiji* (1868), momento com o qual a Era Feudal foi declarada formalmente concluída (YAMASHIRO, 1993).

Para ficar claro, o que está sendo chamado de era feudal, de maneira simplificada, corresponde ao período de ditadura Militar no Japão capitaneada pelos Samurais, também conhecido como Xogunato, em que houve várias dinastias e/ou lideranças (SANTOS, 2012). Vale destacar a última, em que foram os séculos de domínio dos *Tokugawa* (1600 a 1867). O conjunto de artes marciais japonesas (*bujitsu*) são divididos em com armas e sem armas. Quando as especializações das formas de combate herdadas de eras de conflitos, foram amplamente apuradas e aperfeiçoadas, esses métodos de combate sem armas representava um modo sistemático e engenhoso de utilizar o corpo humano em combate com o objetivo de conquistar as mesmas metas que poderiam ser realizados utilizando o uso de armas (RATTI & WESTBROOK, 2006). Nessa época, pode-se dizer que havia uma paz relativa, imposta por

intermédio da força dos *Tokugawa*. Isso possibilitou que muitos profissionais de formas de combate pesquisassem profundamente as nuances e as técnicas do confronto violento e provassem seus descobrimentos sem repreensões e, portanto, explorando o lado depressivo e violento do combate individual que, inevitavelmente, poderia acabar em sangue.

Apesar da era Feudal Japonesa terminar em 1868, ela teve seu início bem antes. Em julho de 1853, quando uma esquadra dos EUA com 4 navios, sob o comando do comodoro Matthew Calbraith Perry, chega ao porto de Uraga, baía de Edo exigindo a abertura dos portos japoneses, o que desencadeou uma série de eventos que marcaria o fim do Xogunato e o início do processo de ocidentalização do país (YAMASHIRO, 1993).

Com a ascensão da era Meiji finalizou-se o período feudal e nasceu o Estado moderno no Japão. Esta época é marcada por grandes mudanças sociais e culturais (SANTOS, 2012).

Jigoro Kano, um educador considerado pai da Educação Física no Japão, nasce, em meio dessa transição política (28 de outubro de 1860) em Mikage (atual Kobe). Kano é pioneiro em refletir criticamente a respeito do *jitsu*, cujo objetivo é bélico não condizente com o cenário japonês na época, e o *do* pautado na formação integral do ser humano, em outras palavras com o intuito educativo.

O presente artigo objetiva realizar uma revisão a respeito da “transformação” do *jitsu* para o *do*, descrevendo como a luta era compreendida ao decorrer dos períodos históricos do Japão, destacando o papel de Jigoro Kano no entendimento moderno da luta que culminou com a criação do Judô.

Conceito de luta ao decorrer da história japonesa.

A ideia de agressão e violência que, apesar de semelhantes, não designam, exatamente, o mesmo fenômeno. Agressão, do latim *aggressio.onis*. significa disposição para agredir, disposição para o encadeamento de condutas hostis e destrutivas (Dicionário online de Português, 2020). Significa ainda ataque à integridade física ou moral de alguém ou ato de hostilidade e provocação (HOUAISS, VILLAR & FRANCO, 2009). Violência deriva do latim *violentia.ae* significando a qualidade ou caráter de violento, do que age com força bruta; constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém; que obriga essa pessoa a fazer o que lhe é imposto; ato de crueldade, de perversidade, de tirania; ato de oprimir, de sujeitar alguém a fazer alguma coisa pelo uso da força (DICIONÁRIO online de Português, 2020). Violento, por sua vez, é um adjetivo que indica aquilo que ocorre com uma força extrema ou uma enorme intensidade (HOUAISS, VILLAR & FRANCO, 2009).

Na busca por uma terminologia mais apropriada, etologistas propuseram uma distinção entre comportamento de combate predatório e comportamento de combate afetivo ou agonístico. Enquanto o primeiro caracteriza situações de ataques entre animais de diferentes espécies – no qual um serve como fonte de alimento para outro – o comportamento agonístico refere-se a situações de lutas e ameaças entre indivíduos da mesma espécie (Lorenz, in KRISTENSEN *et al.*, 2003). Entre os indivíduos da espécie humana, há uma outra classificação chamada de comportamento de combate *pseudopredatória*. Se caracteriza quando um grupo, aldeia, cultura ou nação não vê outro grupo humano como “humano”, justificando o uso do comportamento combativo predatório. Assim, por exemplo, os romanos designavam por *bárbaros* “todos os povos que não falavam latim nem adotavam os padrões da civilização

greco-romana” – anglos, saxões, jutos, suevos, turíngios, burgúndios, alamanos, francos, lombardos, hunos, visigodos, viquingues e os ostrogodos (MAGNOLI, 2006). Assim, a guerra e tudo que estivesse a ela atrelada para a eliminação do “não humano” – preparação de soldados, fabricação de armas, deslocamento de tropas, produção e armazenamento de mantimentos, etc. - contra estes povos, se justificavam. A este preparo e toda a ciência necessária para sua elaboração, é chamado historicamente de artes marciais.

Porém, quando se trata de comportamento de combate afetivo, a finalidade da luta não se justificaria até a morte. Podemos assim chamar a isso de método de luta civil ou arte marcial civil.

Para o Japão, o emprego de método de luta foi primeiro estudado no ocidente por Donn F. Draeger (1922-1982), o chamado "pai da investigação das artes marciais asiáticas". Ele delineou uma hipótese abrangente sobre a evolução das artes marciais japonesas na sua obra de três volumes – *Classical Bujutsu*, 1973; *Classical Budo*, 1973; e *Modern Bujutsu and Budo*, 1974). Draeger ao descrever a evolução das artes marciais tradicionais japonesas, classifica-as em *bujutsu* (técnicas de lutas, métodos militares ou artes marciais), e para as modernas “desportivas” *budo* (caminho marcial) ou *bushido* (caminho do guerreiro). Contudo, Draeger normalmente não se refere ao termo *bugei* (武芸 artes marciais) e preferiu utilizar o termo clássico em vez do termo tradicional. Ele categorizou as artes marciais japonesas em clássicas (ou *ko*, 古 antigo) *bujutsu* e clássico *budo* e moderno (ou *shin*, 新 novo) *bujutsu* e moderno *budo*. (MOENIG e KIM, 2018). Essa diferenciação vai ao encontro da classificação de artes marciais militares e artes marciais civis. Ainda segundo Draeger, o constante e longo período de guerra, do século VIII ao século XVI, proporcionou aos *bushi* (guerreiro feudal

japonês, samurai), oportunidades para levar o *bujutsu* ao máximo da expertise. Foi durante estes séculos que os *bushis* fundaram a tradição marcial e formalizaram os sistemas práticos de combate (Draeger in MOENIG e KIM, 2018). Para Draeger, isto representou a era do *bujutsu* clássico, com foco e espírito na batalha até à morte pela supremacia, terra, tesouro e honra, ou formas de combate *pseudopredatória* como explicamos acima.

Contudo, durante o período Tokugawa seguinte (1603-1867), que trouxe relativa paz e ordem ao Japão como resultado de um governo central reforçado sob um ditador militar, o objetivo fundamental das artes marciais, nomeadamente a batalha até à morte, já não podia ser mantido. Subsequentemente, muitos samurais transformaram-se efetivamente em burocratas ou elites ociosas e aristocráticas, praticando poesia e arte. Além disso, como consequência, o *bujutsu* clássico teve de modificar o seu propósito original de luta em alguma nova função alternativa ajustada à paz e à ordem. Como resultado, a nova ênfase do *bushi* tornou-se um foco nas características espirituais e estéticas do treino de artes marciais, o que representou a transformação em *budo*. De uma perspectiva histórica, os métodos e armas clássicos de combate, tais como espadas e lanças, tornaram-se cada vez mais obsoletos, especialmente porque as forças armadas asiáticas foram dominadas pela tecnologia e táticas militares superiores do Ocidente (MOENIG e KIM, 2018).

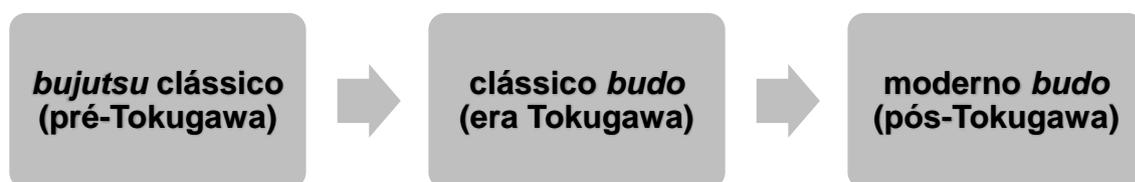
Em 1868, os líderes da Restauração Meiji restauraram o poder imperial e aceitaram que a estrutura social e a sociedade feudal japonesa há muito estabelecida eram obsoletas. Além disso, os novos governantes perceberam que tinham de alcançar o Ocidente através da introdução de tecnologia e ideias ocidentais. Além disso, como resultado de vários tumultos e males sociais emergentes perto do fim do período Tokugawa,

o estatuto dos samurais diminuiu gradualmente até que perderam os seus direitos de hereditariedade quando finalmente foram abolidos como classe social. Como consequência, sob pressão económica, os samurais foram forçados a admitir um número crescente de plebeus no seu *ryu* – escola na qual um especialista ensinava a um certo número de estudantes o uso estratégico de uma arma concreta, em um estilo determinado e segundo conceitos particulares (RATTI e WESTBROOK, 2006).

Segundo Draeger, este foi o período em que o carácter fundamental das artes marciais japonesas mudou e o clássico *budo* deu lugar ao moderno *budo* (MOENIG e KIM, 2018). Ou seja, transformação das artes marciais militares para as artes marciais civis.

Draeger (in MOENIG e KIM, 2018) diz que o *bujutsu* moderno consistia principalmente em métodos puramente práticos de aplicação da lei e métodos militares. Por outro lado, as classificações modernas *budo*, tais como kendo, judô, caratê-do, ou aikido, tornaram-se associadas a toda uma série de atividades diversas relacionadas com a autodesenvolvimento, tais como desporto, lazer, saúde, espiritualidade e defesa pessoal e civil. A progressão evolutiva das artes marciais japonesas de acordo com Draeger pode ser resumida como se segue (figura 1):

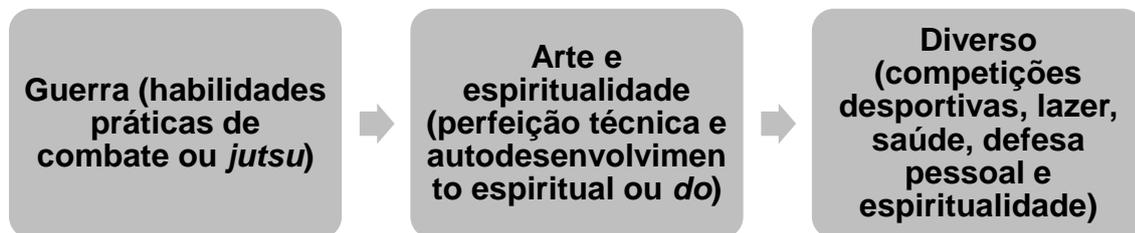
Figura 1 - Progressão das artes marciais japonesas



Fonte: Autoria própria, 2022.

Os respectivos objetivos de formação podem ser descritos da seguinte forma (figura 2):

Figura 2 - Objetivos de formação das artes marciais japonesas



Fonte: Autoria própria, 2022.

A contribuição de Jigoro Kano

Jigoro Kano, filho de Sadako Kano, educadora nascida de família nobre produtora de saquê e Jirosaku Mareshiba Kano empresário e funcionário do governo, promotor ativo da modernização do Japão Meiji. Após a morte de sua mãe, com 10 anos de idade, mudou-se com seu pai para Edo (atual Tóquio) e iniciou seu processo de formação escolar em contato com a cultura ocidental e a língua inglesa. Esta primeira fase educativa vivenciada por Jigoro Kano marcou, além da educação clássica, sua primeira forte ligação entre as influências culturais ocidentais com as tradições orientais. Foi através do estudo da língua inglesa que Kano teve o primeiro contato oficial com o mundo ocidental (STEVENS, 2007).

Em sua vida escolar, Kano, apesar de seu desempenho acadêmico, em especial na língua inglesa, sofria por sua inferioridade física diante de outros estudantes, o que motivaria seu contato com a arte marcial jiu-jítsu. Ao mesmo tempo em que ingressa na universidade, inicia seus estudos de jiu-jítsu com Hachinosuke Fukuda e Masamoto Iso, da escola *ryu Tenjin Shinyo*, Tsunetoshi Iikubo da escola *ryu Kito* e com Sekiguchi

Jushin da escola *ryu Sekiguchi*. Portanto, quatro grandes mestres que colocaram Jigoro Kano em contato com uma prática tradicional japonesa (WATSON, 2011 e RATTI & WESTBROOK, 2006).

Na época, por conta da relação histórica das artes marciais e o passado recente do Japão, houve um desinteresse e até aversão por entender que essas atividades estavam ultrapassadas, de maneira que, começaram a perder a popularidade principalmente as formas de luta que não utilizavam armas. Em contrapartida, Jigoro Kano, como praticante de artes marciais, estava tendo vários benefícios de ordem de aptidão física, no desempenho acadêmico na Universidade (pós-graduação em filosofia) e provavelmente a partir daí elaborou princípios filosóficos relacionados a prática de luta e que havia valores que poderiam permanecer e que auxiliava a formar o indivíduo. No entanto, precisava de uma mudança na maneira de ver as artes marciais.

Assim vale ressaltar as palavras de Kano *apud* (WATSON, 2011, p.51):

(...) a maioria das técnicas de jiu-jítsu foram criadas somente para mutilar ou matar um inimigo, não trazem de forma alguma nada de positivo moral, intelectual e nem fisicamente. No entanto, conclui depois de modificações que muitas dessas mesmas técnicas de jiu-jítsu poderiam ser executadas de maneiras menos perigosas; poderiam ter uma natureza prática para o cotidiano da vida moderna, ter valor como exercício físico e ajudar no desenvolvimento das faculdades mentais. (...)

Para RATTI & WESTBROOK (2006), Kano deu ênfase a certos fins educativos relativos ao desenvolvimento do caráter e da personalidade do homem, conforme linhas éticas, modificando as técnicas medievais de jiu-jítsu e mudando o nome desta síntese metodológica para judô.

O método educativo de Jigoro Kano estava pautado em três elementos fundamentais denominados *shugi* (cuidado e fortalecimento do corpo pela educação física), *iku* (desenvolvimento moral e ético) e *san* (aquisição de conhecimento), mais especificamente o desenvolvimento físico, moral e intelectual.

O *shugi* está relacionado à prática da luta como exercício físico, não somente o combate por si, mas a ginástica realizada dentro de uma sessão de aula, pois um corpo mais forte está mais disposto e disponível para atividades da vida diária. Segundo Kano (2008a), apesar do combate esteja na essência prática do jiu-jítsu, a educação física e o treinamento mental estiveram a todo momento entre seus propósitos, o que tornou o jiu-jítsu a de certa forma um tipo de educação física.

O *iku* está no modo de lidar com as pessoas e com o mundo, durante o treino, onde o seu oponente entrega seu corpo para troca de técnicas. Ao mesmo tempo, o respeito deve ser íntegro e é necessário ter o outro para treinar, que apesar de parecer estranho, existe o desejo de vencer ou dominar o outro, mas mantendo a integridade física dele. Dessa forma, a concentração e os controles dos próprios movimentos devem ser dominados. Na verdade tal fato estava de maneira bem explícita, pois ao criar o Judô *Kodokan* realizou alterações técnicas significativas: a subtração de golpes e exercícios que pudessem ser lesivos, aperfeiçoamento das pegadas (*kumi kata*) que permitiam a aplicação dos golpes de projeção com maior controle e orientação da queda do sujeito projetado e evitando lesões, o aperfeiçoamento das técnicas de amortecimento de quedas (*ukemis*) pelo mesmo motivo (proteger o praticante), criou uma organização hierárquica de graduação (*kyu – Dan*) e a elaboração de diversos *katas* (SANTOS, 2012).

E finalmente *san*, o ato de estudar dentro e fora dos treinos de artes marciais que nos faz pessoas melhores e em constante evolução, especificamente entendia como importante o hábito da leitura para complementar as aulas, não necessariamente de artes marciais, mas que auxilia na atenção e concentração (WATSON, 2011).

Kano assume ser o primeiro a utilizar o termo *do* pautado nos alicerces acima citados mudando assim o significado da prática de luta de confronto corporal. Posteriormente outras artes marciais forma modificando seus princípios e fundamentos ao praticar lutas, e posteriormente alterando o sufixo *jutsu* para *do*, exemplo: *kenjutsu* / *kendo*; *aikijujutsu* / *aikido*, e este termo têm sido empregues desde então.

A transformação do *jutsu* para o *do*.

Em relação à terminologia das artes marciais central a esta discussão, na literatura medieval, o sufixo *do* (道 caminho, em chinês: dao; e coreano: do) anexado a nomes de artes marciais, foi historicamente utilizado pela primeira vez pelos japoneses, como no termo genérico, *budo* (武 道 caminho militar ou marcial), que apareceram pela primeira vez em escritos por volta do século XII. No entanto, o termo *budo* ainda não tinha sido concebido e fixado uma clara concepção. Posteriormente, o sufixo *do* passou também a estar frequentemente ligado a uma variedade de atividades não marciais, vocacionais, e nem sempre com subtilezas esotéricas, mas era muitas vezes simplesmente referido a uma "forma de fazer algo" ou a um conjunto de competências, como o *shodo* (caminho da caligrafia), *sado* (cerimônia do chá). (Moenig e Kim, 2018)

Segundo CARR (1993) a vitória japonesa na Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895) evocou fortes sentimentos nacionalistas

culminando com a criação em 1895 da 'Dai- Nippon Butokukai' (大日本武徳会 Sociedade da Grande Virtude Marcial do Japão, numa tradução livre), uma organização responsável pela pesquisa, promoção, codificação e nacionalização das artes marciais tradicionais japonesas. Ganhando legitimidade através do patrocínio real, a Butokukai promoveu especialmente o kendo e o judô. Criaram um sistema de salas de treino em todo o país, instalar 'altares xintoístas'. Relativamente à terminologia, os termos mais tradicionais kenjutsu e gekiken tornaram-se 'oficialmente' referidos pelo nome kendo, jiu-jítsu como judô, e bujitsu como budo, quando em 1919 o Butokukai anexou o sufixo do aos nomes de todas as artes marciais, para conotar a 'herança cultural e espiritual' do Japão (UDO MOENIG & MINHO KIM, 2018).

Para Watson (2011) o fundador do judô, Jigoro Kano (1860-1938), a principal figura japonesa das artes marciais do período Meiji, é muito provavelmente o indivíduo que primeiro articulou uma distinção clara entre os termos jutsu (técnica) e do (caminho). Kano estudou três escolas de jiu-jítsu (ryu Tenjin-shinyo, ryu Kito e ryu Sekiguchi), mas desaprovou os instrutores que considerou pouco sofisticados. Como forma de se distanciar de qualquer associação com a imagem de classe baixa de jiu-jítsu de sua época, Kano adotou um novo nome para o seu estilo, judô (柔道 caminho suave ou flexível). Influenciado pela sua educação ao estilo ocidental e pelo seu desgosto pessoal pelo meio não refinado do jiu-jítsu, Kano anexou uma dimensão ética à interpretação da sua arte marcial que ele alinhou com a noção de “caminho” (do) com sentido educativo. Embora tivesse havido uma ampla filiação entre o taoísmo e as artes marciais chinesas nas esferas esotérica, religiosa e filosófica, a associação exclusivamente secular entre o do como caminho ou guia para o comportamento moral na vida através da formação em artes

marciais parece ser, neste sentido, em grande parte uma criação moderna japonesa, iniciada por Kano.

Segundo Ratti e Westbrook (2006), as especializações das formas, métodos e armas de artes japonesas de combate se tornaram escolas específicas de lutas porque, com o tempo, passaram a ser especializadas e diferentes de outras. Portanto, uma especialização consistiu-se num método particular e sistemático de usar uma arma específica. Ainda segundo eles, cada especialização é conhecida como um “jítu” (術), palavra que pode ser traduzida como “método”, “arte” ou “técnica” (p.20). Fazem um recorte para seu estudo englobando as especializações das artes japonesas de combate que foram desenvolvidas e levadas até o grau mais alto de perfeição sistemática durante o período feudal, abrangendo o final do século IX até o século XIX, exatamente até a restauração Meiji (1868).

Ratti e Westbrook (2006) ainda categorizam as técnicas em bujitsu e budo. Bujitsu é utilizado para representar todas as especializações da arte geral de combate individual praticado pelo guerreiro japonês e por pessoas de outras classes sociais. Bujitsu está relacionado com aspectos práticos, técnicos e estratégicos das artes indicadas com este ideograma 術 (“jítu”, kenjitsu, jiu-jítu). Quando estas especializações são entendidas como disciplinas com uma finalidade ou propósito de natureza mais educativa ou ética, a “técnica” converte-se em “caminho” (“do”, 道, kendo, judô), a senda, atalho, vereda a uma realização mais espiritual do que puramente prática (p.24).

Segundo CARR (1993) a vitória japonesa na Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895) evocou fortes sentimentos nacionalistas culminando com a criação em 1895 da 'Dai- Nippon Butokukai' (大日本武徳会 Sociedade da Grande Virtude Marcial do Japão, numa tradução

livre), uma organização responsável pela pesquisa, promoção, codificação e nacionalização das artes marciais tradicionais japonesas. Ganhando legitimidade através do patrocínio real, a Butokukai promoveu especialmente o kendo e o judô. Criaram um sistema de salas de treino em todo o país, instalar 'altares xintoístas'. Relativamente à terminologia, os termos mais tradicionais kenjutsu e gekiken tornaram-se 'oficialmente' referidos pelo nome kendo, jiu-jítsu como judô, e bujitsu como budo, quando em 1919 o Butokukai anexou o sufixo do aos nomes de todas as artes marciais, para conotar a 'herança cultural e espiritual' do Japão. Udo Moenig & Minho Kim (2018)

Para BENNETT (in Moenig e Minho, 2018) diziam os iniciadores, o sufixo do refletiria o verdadeiro objetivo das artes marciais, que incluía a construção do carácter. As escolas públicas seguiram esta tendência durante os anos 20, e durante os anos de guerra, até mesmo sumô (luta tradicional japonesa) passou a ser referido como *sumo-do*, e os desportos ocidentais como *taiiku-do* (o caminho da educação física). Uma vez que o *shin-do* (*Shinto*) partilha o mesmo sufixo que em *budo*, *kendo* ou judô, o uso uniforme do carácter chinês, 道, como sufixo para todas as artes marciais, foi um ato político e uma tentativa calculada de promover um símbolo e ideologia nacionalista e unificadora, ou *bushido* (o caminho do guerreiro), no contexto da ascensão do Japão imperial, ligando assim as artes marciais tradicionais ao xintoísmo a casa imperial, o militarismo moderno, a identidade nacional, e a história.

Do Jujutsu para o Judô

Qual a origem do Jujutsu? Segundo a tradição, no século XVII um homem chamado Chen Yuan Ping levou as técnicas do Jujutsu da China para o Japão. Três ronin (samurais sem mestre) – Fukuno

Hichiroemon, Miura Yojiemon e Isogai Jirozaemon – foram inspirados pelos ensinamentos dele e desenvolveram um estilo próprio de Jujutsu. Em outras escolas, fala-se que um médico chamado Akiyama Shorobei, de Nagasaki, foi para a China e aprendeu o hakuda, e ao retornar criou o Jujutsu. Existe outra teoria de que o Jujutsu começou na era dos deuses e é uma invenção puramente japonesa. Minha opinião pessoal é que o Jujutsu foi criado inteiramente pelos japoneses (KANO, 2005 – tradução nossa)

Para uma melhor compreensão sobre o que é Judô é necessário uma breve leitura sobre o que foi o *Jujutsu* e o processo, arquitetado por Jigoro Kano, até a criação do Judô. Estudar o processo é vital para compreensão dos ideais que forjaram o Judô.

Jigoro Kano acreditava que o *Jujutsu* foi criado inteiramente pelos japoneses. A teoria que Akiyama Shorobei foi fundador do *Jujutsu* é somente difundida entre o grupo *Yoshin ryu*, talvez representando a história da criação deste estilo (KANO, 2005). A teoria de que Chen Yuan Ping foi o fundador do *Jujutsu* é muito difundida no Japão, porém pouco provável. Ping chegou ao Japão em 1659 e morreu em 1671, se ele trouxe o *Jujutsu* para o Japão foram os estilos *Kenpo* e/ou *Hakuda*, artes marciais praticadas na China. O *Kenpo* e *Hakuda* eram técnicas que envolviam basicamente chutes e empurrões, sendo improvável que tenham evoluído a um nível elevado quanto o *Jujutsu* japonês (KANO, 2005).

O *Jujutsu* tinha como objetivo o combate. A diferenciação entre os estilos era a maneira pela qual o combate era compreendido. Alguns estilos poderiam utilizar de ataque aos pontos vitais para matar o oponente, ou capturar o oponente para depois matar. Apesar de o combate ser o objetivo principal não se descarta que o *Jujutsu* também promoveu indiretamente o treinamento do corpo, era exigido um físico

propício para a execução das técnicas, e o treinamento cognitivo, era exigida inteligência para traçar estratégia e/ou criar mecanismos para vencer em uma luta.

Partindo da premissa do *Jujutsu* enfatizar o combate, indiretamente também eram praticados os treinamentos físico e mental. Para fomentar o Judô, Jigoro Kano enfatiza os treinamentos físico e mental, excluindo do combate o fator de periculosidade.

Na transformação do Jujitsu¹ para o Judô, há um significado profundo segundo o mestre [Jigoro Kano]. Ele próprio explica que, no antigo Jujitsu, o treinamento se resumia ao sistema de ataque e defesa, mas no Judô novo, embora os exercícios livres e pré-combinados fossem iguais aos do Jujitsu, a base de tudo estava no Dô – o caminho ou moral dando ênfase especial a Isso. Portanto, no Judô, o jitsu – técnica ou arte – não passa de um meio para se ingressar num grande caminho. Para deixar isso bem claro, frisou ele, pôs o nome de Judô. (SHINOHARA, 1982 p. 8 – grifo nosso)

O Judô foi criado em fevereiro 1882 pelo então jovem Jigoro Kano com base nas técnicas oriundas das escolas do Antigo *Jujutsu*, em especial a *Kito ryu* e *Tenshin Shinyo ryu*. As técnicas das antigas escolas de *Jujutsu* foram elencadas e reestruturadas com o objetivo de torná-las acessíveis para a prática de todos, modificando seus objetivos que não eram voltados para a Educação Física, moral, ou intelectual. Dessa reestruturação das antigas escolas de *Jujutsu* deu origem ao *Kodokan* Judô.

O *Kodokan* Judô objetiva:

O objetivo do Judô é utilizar a força física e mental de forma mais eficaz. Sua formação é compreender o

¹ Jujutsu e Jujitsu serão considerados sinônimos

verdadeiro sentido da vida através do treinamento físico e mental de ataque e defesa (KANO apud FUKUDA, 1973, p.9 tradução nossa).

A palavra Judô é escrita por dois ideogramas chineses, *JU* – flexibilidade - e *DO* – caminho da vida -, portanto de forma simplificada Judô pode ser traduzido como Caminho Suave.

Algumas pessoas perguntaram por que não usei um nome como *Jurikagu* (a ciência do *Ju*) ou *Juriron* (a teoria do *Ju*) em vez de Judô. Foi uma questão de preferência pessoal, Eu achei que os nomes *Jurikagu* e *Jurion* seriam tão inovadores que dariam a impressão de que eu inventei algo. Eu apenas queria garantir que as conquistas dos que se foram antes de mim não fossem perdidas. Assim, usei um nome que já existia e adicionei a ele o nome de meu *dojo*. (Jigoro Kano, in. KANO, 2005 – tradução nossa)

Para Shinohara (1982) o conceito de suavidade pode ser ilustrado pelo distintivo da Kodokan, onde mostra o vermelho do ferro incandescente envolto pela brancura do algodão, significa “delicado por fora, forte por dentro”. De posse desse conceito, a suavidade é demonstrada no Judô através de suas técnicas, onde utiliza a força do adversário para vencê-lo (FUKUDA, 1973; SHINOHARA, 1982; KANO, 1994, 2005).

Gradativamente o Judô Kodokan foi ganhando popularidade ao passo que as Escolas do antigo *Jujutsu* estavam em declínio desde a Restauração Meiji. O sucesso do Judô Kodokan, o prof. Jigoro Kano justifica.

A política educacional do passado era não ensinar a teoria no início para que depois os alunos praticassem as aplicações. Em vez disso, os instrutores ensinavam aos alunos as técnicas que haviam apreendido durante

seu próprio aprendizado e esses pupilos passavam essas técnicas a seus alunos. Portanto, o princípio básico que serviria como objetivo principal do ensino não era claro. (...)

(...) Na Kodokan, estudamos e praticamos técnicas com o propósito de usar a energia mental e física da maneira mais eficiente possível para atingir objetivos, não importa quais sejam— eis o princípio básico do Judô. Portanto, as pessoas que passam por treinamento não imitam meramente as ações do mestre, nem praticam sem compreender as razões por trás do que estão fazendo; elas estudam os métodos e treinam de acordo com princípios detalhados.” (...)
“Nos últimos tempos, como o Judô se tornou mais popular, em alguns casos faltam o método educacional e o espírito fundamental do Judô. Portanto, minha esperança é que aqueles que estão em treinamento, tanto quanto os instrutores, deem a devida atenção a essas questões. (KANO, 2005 – tradução nossa)

KANO (1899) elenca quatro fundamentos essenciais para o ensino do Judô: a) *Kata*: exercício sobre os padrões de movimentos formais que contém os modelos ideais do movimento ilustrando o princípio do ataque e defesa; b) *Randori*: Sessão de treinamento com adversário o qual, ambos os participantes praticam o ataque e defesa, utilizando livremente as técnicas de projeção e/ou imobilização; c) *Kogi*: Explanações sobre a teoria dos princípios do Judô; d) *Mondo*: Sessões de pergunta e resposta entre os alunos e o professor. Uma ferramenta para reforçar o ensino e aprendizagem.

Ainda, Murata (2007 apud KANO, 2008) classifica o *shiai* (combate) como elemento essencial para o ensino do Judô, pois competição é um suplemento para o processo de ensino e aprendizagem.

CONCLUSÃO.

Assim, o termo *do* que como já dito é traduzido como caminho de “ver, de entender ou de motivar o comportamento no sentido filosófico ou religioso” (RATTI & WESTBROOK, 2006), de viver a vida, apresentar vários significados por trás dos traços do *kanji* (ideogramas utilizados como escrita no oriente), por exemplo, doutrina, ou seja, “os princípios ensinados e aceitos por uma corporação e partidários de uma filosofia, uma seita religiosa ou uma escola” (RATTI & WESTBROOK, 2006) ou caminhar com consciência. Pode-se dizer que o termo *do* é intimamente ligado ao código de ética dos samurais (*budo* ou *bushido*), e “denota crença mais que técnica; percepção, mais que execução; motivação, mais que ação de seus instrumentos particulares” (RATTI & WESTBROOK, 2006) e nisto vê-se a diferença para o conjunto de artes marciais japonesas (*bujutsu*), bem como também a ritualística para o processo educativo de forma integrativa e sutil. O *budo* está relacionado, portanto, com a ética – entendido como o conjunto de regras e códigos do guerreiro japonês (*bushi*), ou do homem japonês lutador (*bujin*). Também, *budo* pode ser as disciplinas que determinada classe adotou e que assegurava seguir, em um esforço para cumprir certos ditos morais e integrar cada guerreiro no sistema como um indivíduo estável, maduro e confiável (RATTI & WESTBROOK, 2006).

Estes códigos tradicionalmente eram transmitidos oralmente de guerreiro para discípulo ou de mestre para aluno. O livro *Hagakure* de Yamamoto Tsunetomo foi a primeira tentativa de traduzir estes códigos de maneira escrita. Por fim, este novo termo teve em parte como objetivo refletir uma abordagem filosófica de formação, em que as virtudes morais e espirituais das artes marciais são incorporadas à vida inteira. Se a mudança de filosofia realmente ocorreu ou não, ou ainda se essa filosofia sempre foi integrada está aberta para debate.

Atualmente, não somente o termo *dô*, mas vários dos fundamentos acima citados, foram incorporados em outras modalidades de lutas, de origem nipônica ou não, pois o pensamento de Jigoro Kano estava além do seu tempo, pode-se dizer que é mais atual do que nunca.

REFERÊNCIAS.

AGRESSÃO In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/agressao/> . Acesso em: 02/11/2020.

CARR, K. G. "Making Way: War, Philosophy and Sport in Japanese "Jûdô"." ***Journal of Sport History*** 20, no. 2 (1993): 167-88. Accessed November 1, 2020. <http://www.jstor.org/stable/43609931>.

FUKUDA, K. **Born for the mat: A Kodokan kata textbook for womens**, Judô - [s.l.] : Universidade da Califórnia, 1973.

FUKUDA K. **Ju no Kata A Kodokan Textbook - Revised and expanded from Born for the Mat** - Berkeley: North Atlantic Books, 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KANO J. **Seiryoku Zenyo: Judo no Konpom seishin (Seiryoku Zenyo: o Espírito fundamental do Judô)** - 1939.

KANO J. **Mind over Muscle - Writings from the Founder of Judô** - Tokyo: Kodansha International, 2005.

KANO, J. **Energia Mental e Física: escritos do fundador do judô**. São Paulo: Pensamento, 2008a.

KANO, J. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008b.

KRISTENSEN, C. H. et al. Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 8, n. 1, p. 175-184, Apr. 2003.

MIFUNE K. **The canon of Judo - Classic Teaching on Principles and Techniques** - Tokyo: Kodansha International, 2004.

RATTI, O.; WESTBROOK, A. **Segredos dos samurais: as artes marciais do Japão feudal**. São Paulo: Madras, 2006.

REID, H.; CROUCHER, M. **O caminho do guerreiro: paradoxo das artes marciais**. São Paulo: Cultrix, 1983.

SHINOHARA M. **Manual de Judô Vila Sônia** - São Paulo: produção independente, 1982.

SANTOS, S. O. **Judô e educação: Jigoro Kano e a integração Oriente-Occidente**. CEMOrOc-Feusp / IJI - Univ. do Porto. 2012.

STEVENS, J. **Três mestres do budô**. São Paulo: Cultrix, 2007.

TSUNETOMO, Y. **Hagakure, o livro do samurai**. São Paulo: Conrad, 2004.

UDO, M.; MINHO, K. The Japanese and Korean Martial Arts: In Search of a Philosophical Framework Compatible to History, **The International Journal of the History of Sport**, 35:15-16, 1531-1554, 2018. DOI: 10.1080/09523367.2019.1618277

VIOLÊNCIA In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/violencia/>
Acesso em: 02/11/2020.

WATSON, B. N. **Memórias de Jigoro Kano: o início da história do judô**. São Paulo: Cultrix, 2011.

YAMASHIRO, J. **História dos Samurais**. 4.ed. São Paulo: IBRASA, 1993.